

## Aulas 5 e 6

---

### Referências Bibliográficas

Cambraia, César Nardelli, 2005. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes (Col. Leitura e Crítica)

Cambraia, César Nardelli; Oliveira, Gilvan Müller; Megale, Heitor; Modolo, Marcelo; Ferreira, Permínio Souza; Toledo Neto, Sílvio de Almeida; Lobo, Tânia; Klamt, Valdemir. Normas para a transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil. 2006. In Megale, Heitor; Toledo Neto, Sílvio de Almeida. 2006. (orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*, p. 145-148. 1. ed. Cotia: Ateliê Editorial.

Candido, Antonio. 2005. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

Negro, Helena de Oliveira Belleza. 2014. Emprego de sinais diacríticos em manuscritos dos séculos XVII e XIX; entre os pensares linguísticos e as práticas sociais. *Estudos linguísticos* 43(2), p. 730-744. Disponível em: <<http://revistadogel.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/477/356>>. Acesso em 29 de agosto de 2015.

Oliveira, Nelson Henrique Moreira. 2009 (?). Material referente à primeira oficina de paleografia oferecida pelo PET-História. Disponível em: <[http://r1.ufrj.br/graduacao/PETHistoria/arquivos\\_PET/atividades/paleografia/apostila\\_oficina-paleografia-i.pdf](http://r1.ufrj.br/graduacao/PETHistoria/arquivos_PET/atividades/paleografia/apostila_oficina-paleografia-i.pdf)>. Acesso em 11 de junho de 2015.

Souza, Erica Cristina C.; Megale, Heitor; Toledo Neto, Sílvio de Almeida. A escrita no século XVII. In Megale, Heitor; Toledo Neto, Sílvio de Almeida. 2006. (orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*, p. 113-126. 1. ed. Cotia: Ateliê Editorial.

Spina, Segismundo. 1994. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2 ed. revisada e atualizada, São Paulo: Arts Poetica/ Edusp.

### Tema das Aulas

- i. Apresentação de tipos de edição baseados na forma do estabelecimento do texto – exemplificando com a *fac-similada* e a *diplomática*
- ii. A edição *diplomática* e o “conhecimento especializado”

---

### **I. Apresentação de tipos de edição baseados na forma de estabelecimento do texto – exemplificando com a *fac-similada* e a *diplomática***

Cambraia (2005: 91)

- Os tipos de edição baseados na forma de estabelecimento do texto podem ser distribuídos em duas classes: (i) *textos monotestemunhais* (baseadas em apenas um testemunho do texto); (ii) *textos politestemunhais* (baseadas no confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto) – para exemplificação de textos politestemunhais, ver: Candido (2005: 33-38).
- Nesta disciplina, nos basearemos nas edições centradas em textos *monotestemunhais*.
- Edições **fac-similada** e **diplomática** – editar um texto consiste em reproduzir esse texto lançando mão de diversos graus de mediação. A edição fac-similada (ou mecânica) reproduz com muita fidelidade as características do texto (CAMBRAIA 2005: 91-93); na edição diplomática tem-se a primeira forma de mediação feita pelo crítico textual:

[...] Neste tipo de edição, faz-se uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc.

Cambraia (2005: 93)



Edição *fac-similada* – Imagem google

- Compare as edições: (i) *fac-similada*, (ii) *diplomática*, (iii) *semidiplomática* (ou paleográfica), (iv) *interpretativa* e (v) *modernizada* em: Cambraia (2005: 99-103; Figuras 9, 10, 11, 12, 13).
- Ver ainda Candido (2005: 47-51): “edição: sua necessidade e critérios” .

## I. A edição diplomática e o “conhecimento especializado”

- A edição diplomática:

[...] tem como desvantagem o fato de [...] poder ser consultada fundamentalmente por especialistas, pois [...] a manutenção de certas características – em especial, os sinais abreviativos – exige certamente conhecimento especializado [...].

Cambraia (2005: 94)

- Atentemo-nos para as palavras também de Cambraia (2005: 94) que nos lembra de que, apesar da *edição diplomática* ser bastante rigorosa, ainda assim essa edição [

...] já consituiu uma interpretação subjetiva, pois deriva da leitura que um especialista faz do modelo.”

- Apresentamos, a seguir, exemplificação de interpretação subjetiva em que especialistas transcrevem o modelo na edição (em nosso caso, a *diplomática* – que é a que vamos observar com mais atenção a partir desta aula e no trabalho que será feito em grupo pelas turmas): *normas para a transcrição de documentos*.
- Por meio das normas de transcrição de documentos, apresentaremos análises paleográficas do *corpus* (em nosso caso específico, de cartas).

### **Critérios adotados para a edição de documentos**

- Com o intuito de unificar e clarificar os critérios de transcrição e edição de manuscritos, elaborou-se – por uma comissão de especialistas – as “Normas para a Transcrição de Documentos Manuscritos” – ver detalhes em: Cambraia *et al* (2006).
- A seguir, seguindo as orientações de Cambraia *et al* (2006: 147-148), resumimos os critérios adotados pelos autores (op. cit.) através de 5 tópicos (seguidos, em alguns casos, de exemplificação(ões) extra(s) e notas)<sup>1</sup> e, ao final, de um tópico denominado “Observações” .

#### **(1) Objetivo**

- Cambraia *et al* (2006) objetivam fixar diretrizes para a transcrição de manuscritos para um projeto particular – PHPB. As normas que se atestam na referência destinam-se, portanto, a unificar os critérios de edições paleográficas, possibilitando uma apresentação uniforme.

#### **(2) Grafia**

- A transcrição será conservadora.
- As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas,<sup>2</sup> marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura – an. (=anno); Fr. (=Frei)<sup>3</sup> – obedecendo os seguintes critérios:
  - (a) respeitar sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba como na ocorrência “munto, que leva a abreviatura m.<sup>to</sup> a ser transcrita “munto” ;

---

<sup>1</sup> Assim o fazemos a fim de auxiliar os grupos das 3 turmas que realizarão o “trabalho filológico da disciplina”. No entanto, é importante que cada grupo estude as normas desenvolvidas em Cambraia *et al* (2006), a fim de possa transcrever a contento o manuscrito que tem em mãos. Atente-se, porém, que os grupos realizarão uma edição diplomática a partir de uma edição fac-similada.

<sup>2</sup> Atente para o fato de que se leva em conta, no caso, a edição semidiplomática ou paleográfica – ver Cambraia (2006: 100-101), em que se compara as edições diplomática e semidiplomática.

<sup>3</sup> Abreviatura por suspensão (ou apócope) – em que há supressão de elementos finais da palavra: De acordo com Spina (1994: 51), o desenvolvimento desse sistema se dá a partir da escrita carolíngia na Europa).

(b) em caso de variação no próprio manuscrito (ou em coletâneas) a opção é a forma mais atual – como na ocorrência “Deos” e “Deus”, que levam a abreviatura D.<sup>s</sup> a ser transcrita “Deus”.

Sobre abreviaturas em manuscritos ver: Souza, Megale & Toledo Neto (2006: 120-125); Costa (s/d).<sup>4</sup>

- A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, marcar com: [espaço]  
Ex.: que podem prejudicar. [espaço] Os dias passam e ninguém comparece.
- A acentuação original será rigorosamente mantida. Ex.: aRepublica; docommercio; edemarcando também lugar; Rey D. Jose.

Quanto à acentuação, observe que:

(a) nota-se variação no traçado dos diacríticos que ora se aproximam de:<sup>5</sup>

(i) acento circunflexo: 

(ii) til: 

(iii) acento agudo: 

(iv) acento grave: 

- Na transcrição, opta-se por utilizar o sinal gráfico que mais se aproxima ao do utilizado pelo escriba. Contudo, atente para a ‘interpretação subjetiva’ (apontada por Coimbra 2005: 94) que deriva da leitura de um especialista. Sobre essa interpretação subjetiva na transcrição do diacrítico em um manuscrito, ver: Negro (2014).

(b) Nos ditongos nasais, alguns escribas acrescentam um ponto após o sinal diacrítico – ver Monte (2013: 181).<sup>6</sup>



O ponto deve ser transcrito.

- As maiúsculas e minúsculas serão mantidas como no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da letra deve propiciar a melhor solução.

<sup>4</sup> Costa, Renata Ferreira. s/d. *Abreviaturas. Simplificação ou complexidade da escrita?* Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao15/materia01/texto01.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2015.

<sup>5</sup> Ver Monte (2013: 181).

Monte, Vanessa Martins do. *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.

<sup>6</sup> Ver nota 4.

- Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Ex.: aellas; daPiedade.

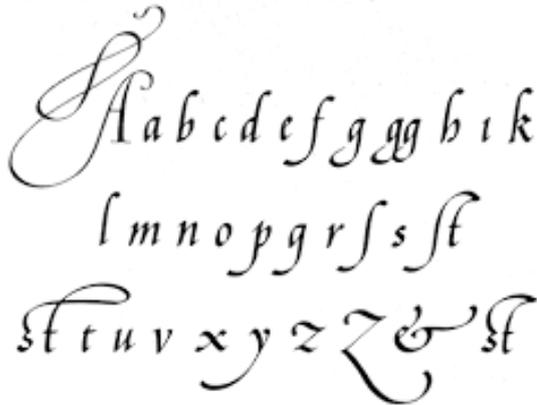


imagem google

Atente para o fato de que: a maior parte da documentação brasileira está documentada em escrita humanística – ou carolínea (a mais típica da Idade Média) – ver Oliveira (2009: 15). Veja detalhamentos da letra humanística em Souza, Megale & Toledo Neto (2006: 116-119).

(a) O caso do <s> normal e do <s> caudado (longo) – ver: Souza, Megale & Toledo Neto (2006: 116-119). Quando se emprega <ss>, é usual (na época dos documentos que vamos evidenciar na transcrição – sec. XVII) que este grafema seja longo; diferentemente de quando se emprega <s>, que à mesma época é grafado pequeno ou normal.

### (3) Apresentação Gráfica

- A divisão das linhas do documento original (daqui em diante, doc. orig.) será preservada pela marca de uma barra vertical ( | ) entre as linhas. A mudança de fôlio<sup>7</sup> receberá o respectivo número e será marcada por duas barras ( || ) verticais: ||1v.|| ||2r.|| ||2v.|| ||3r.||

<sup>7</sup> Fôlio – *folium* (lat) – papel resultante de dobragem ao meio de um papel maior (bifólio). Generalizou-se o termo para designar as unidades de qualquer dimensão de um manuscrito. No livro manuscrito, designa-se cada uma das páginas mediante o recurso dos símbolos “r” (recto ou inverso ou rosto) e “v” (verso).



<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:BANCMSUCB147.jpg>

Fólios 46v e 47r de um saltério manuscrito

- As linhas serão numeradas de cinco em cinco, a partir da quinta, (à margem direita da mancha, à esquerda do leitor) de maneira contínua por documento.

#### (4) Convenções

(para indicar ‘acidentes’ no manuscrito, como escrita ilegível ou danificada)

- Eventuais erros do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Ex.: *adverdinto* por *advertindo*.
- Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens entram na edição entre os sinais < >.
- Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas; a repetição será suprimida pelo editor que a colcoa entre colchetes duplos.
- Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer ao final do document informando-se a localização.
- Intervenções do editor serão raríssimas e quando ocorrerem deve vir entre colchetes.
- Um exemplo de intervenção do editor é letra ou palavra ilegível: entre colchetes [ilegível].
- Outro exemplo como o anterior é o de trecho de maior extensão não legível por deterioração que justificam intervenção do editor: [corroídas + ou – 5 linhas ].

#### (5) Assinaturas e Sinais Públicos

- As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assina serão sublinhadas. Os sinais públicos serão indicados entre colchetes.

**(6) Observações**

(atente para este tópico que não é contemplado em Cambraia *et al* (2006) mas que é importante para os grupos que realizarão o “trabalho filológico da disciplina” .

- A edição deve ser precedida de um texto preliminar em que se indicará os objetivos do trabalho. No caso dos “grupos de trabalho” da disciplina, apresentar, sucintamente:
  - (i) os objetivos do trabalho, ligando-o com os estudos paleográficos (a escrita humanística)<sup>8</sup> e introdução aos estudos filológicos;
  - (ii) aspectos do documento editado: (a) temática, se se trata de documento autógrafo ou apógrafo – ver: Candido (2005: 23); (b) brevíssimos aspectos codicológicos.

---

<sup>8</sup> Em Oliveira (2009), os grupos encontrarão uma excelente referência de “apoio” a esta temática.